

O ESPETÁCULO NAVIO NEGREIRO: UM PROJETO DE SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO E DO RACISMO PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO DE BEBERIBE (PE)

Ediane Cavalcanti Ferreira Ramos¹
Constantino José Bezerra de Melo²
Lilian Kelen Sousa Pinto³

RESUMO

O objetivo deste artigo é demonstrar como as linguagens corporais e artísticas são indispensáveis na estimulação de projetos que busquem contribuir para que estudantes e professores construam um projeto criativo nas escolas públicas estaduais. A Lei federal 10.639/2003 orienta para desconstrução da visão eurocêntrica sobre a história da África e dos africanos, pois trata da necessidade de incluir a temática História e Cultura Afro-Brasileira. Um dos problemas vivenciados nas escolas estaduais é a dificuldade de problematizar as religiões afro-brasileiras. Por meio da formação do grupo de dança Fulores de Palco, criou-se um grupo artístico que proporciona um novo pensar e fazer por meio dos movimentos corporais e das técnicas das artes, assim os corpos e suas expressões transformam-se em espetáculos contra o sexismo, o racismo e a intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras. A metodologia usada parte da concepção de escola enquanto comunidade de aprendizagem. No ensino dos movimentos corporais, utilizamos o método de Rudolf Laban, e na área artística partimos da ideia de Ana May Barbosa que defende a abordagem triangular. Sendo assim, o cerne do espetáculo Navio Negreiro foi uma possibilidade de contribuir para reflexão e práticas pedagógicas que estão em consonância com o tema central do VI Conedu, o qual trata da necessidade de compreensão da inter-relação da arte e do movimento como forma de diálogo interdisciplinar, estimulando o protagonismo juvenil na construção do conhecimento.

Palavras-chave: Pedagogia de Projeto, História e Cultura Afro-Brasileira, Interdisciplinaridade.

¹ Graduada pelo curso de Educação Física da Universidade de Pernambuco – PE, edianecavalcanti@yahoo.com.br.

² Doutor pelo curso de Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco – PE, constantinomelo2015@gmail.com.

³ Graduada pelo curso Licenciatura em Educação Artística/Artes Cênicas da Universidade Federal de Pernambuco – PE, lilianpkelen@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O espetáculo Navio Negreiro foi construído no chão da Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) de Beberibe. Participaram estudantes, professores, gestão e comunidade escolar, também contou-se com o apoio da Gerência Regional de Educação Recife Norte e do Gabinete Institucional do Secretário de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco.

O Grupo Fulôres de Palco é um projeto fomentado na escola pelas Professoras Ediane Ramos e Lilian Kellen, desde 2011, e tem como objetivo central o trabalho interdisciplinar com os componentes curriculares das outras áreas do currículo escolar, principalmente com a área de Linguagens e Ciências Humanas. Destaca-se no Projeto a prática das linguagens corporais e artísticas, indispensáveis na escritura de atividades que busquem proporcionar reflexões, proposições e contribuições para que estudantes e professores construam um trabalho criativo e pulsante que atenda as demandas da escola.

O Projeto Navio Negreiro surgiu da necessidade de superar visões distorcidas e preconceituosas trazidas pelos estudantes e professores referente a temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, principalmente no tocante as religiões afro-brasileiras, especificamente as expressões da “Religião dos Orixás” apresentadas pelo Candomblé Nagô ou Candomblé Jejê-nagô em Pernambuco.

Conforme a Lei 10.639/2003 e seus documentos regulatórios⁴, construímos um espetáculo de dança e cultura que narra os desencontros dos europeus na exploração do tráfico negreiro, que marcou a colonização portuguesa no Brasil. O poema de Castro Alves, “Navio Negreiro”, foi utilizado no espetáculo como um marco para apresentar e criticar de forma poética e cênica os processos de injustiças sofridos pelos povos trazidos como escravos para o Brasil.

⁴ “Segundo Lopes (2008) a escola pode combater qualquer forma de racismo, de preconceito e de discriminação contra as religiões afro-brasileiras na comunidade escolar e no seu entorno, através da apropriação e efetivação da Lei 10.639/2003, como também do conjunto de documentos oficiais elaborados no intuito de possibilitar a sua regulamentação, como o Parecer do Conselho Nacional de Educação – CNE, da Câmara Plena – CP de n. 3/2004, a Resolução n. 01/2004 do Conselho Nacional de Educação e as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais elaboradas pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad do Ministério da Educação” (MELO, 2015, p. 45).

METODOLOGIA

A construção do espetáculo Navio Negreiro se deu através das oficinas realizadas na escola. Foram realizados encontros semanalmente, tendo a participação média de 25 a 35 estudantes. Acontecendo no âmbito escolar, foi utilizado um espaço específico com local e horário definido. Durante todo o projeto, desde 2011, a proposta vem sendo desenvolvida e aprimorada com dinâmicas de trabalhos diferenciados.

No transcorrer das aulas, foram proporcionados trabalhos de expressão corporal e interpretação rítmica, associando a dança às artes cênicas. Exercícios de improvisação, o trabalho com diferentes ritmos e estilos musicais, buscando ampliar a gama de conhecimentos sobre repertórios já existentes nos adolescentes. Foram realizadas ações inspiradas no cotidiano, na construção coletiva de histórias para representação corporal, no jogo rítmico, no qual foram explorados ruídos, sons do próprio corpo (respiração, batimentos do coração, palmas, pés), combinados a sons de instrumentos musicais. Foi realizada uma oficina de acolhimento para os estudantes; estudos teóricos sobre vários temas; vivências individuais e coletivas dos movimentos; momentos de relaxamento e autopercepção; respiração; e o trabalho com autoestima e afetividade (que é bastante fortalecida nas atividades) para promover o cuidado com o outro em várias esferas emocionais.

Todo o trabalho de preparação para o espetáculo foi desenvolvido das atividades mais simples para as de maior complexidade, das ações mais espontâneas para as mais específicas e elaboradas, das atividades de menor duração, para as atividades de maior duração, de ritmos lentos para os mais rápidos, seguindo também o pensamento de Verderi (2000), incluindo na organização da aula a preocupação com o desenvolvimento individual, frente às atividades, oportunizando a interação entre os sujeitos com situações individuais e coletivas. Situações coletivas que incentivaram a participação e aceitação do outro, o respeito pelas individualidades e limitações de cada um.

Assim, desenvolvemos um trabalho contínuo, fundamentado no eixo artístico/pedagógico, que vem sendo aperfeiçoado a cada ano através de novas experimentações, buscando a elaboração de novas mensagens verbais e corporais na construção do processo de diálogo corporal para a construção de elementos artísticos.

Todas as experiências aconteceram com a finalidade de permitir ao estudante dançar, propondo ao protagonista dançar sem medo, com a possibilidade de criar movimentos e expressões com seus corpos, buscamos sempre favorecer a aprendizagem, criando condições para que o estudante aprendesse a movimentar-se.

No desenvolver do projeto, a dança não tem regras, todo movimento é válido, desse que elaborado a partir da concepção de movimento que o estudante possui. Sendo assim, não existe movimento predefinido, não existe um procedimento único para se atingir o mesmo fim. Desta forma, transcorreram as possibilidades das produções coreográficas, saindo deste processo um estudante mais fortalecido, com forte autoestima e pronto para desenvolver a temática proposta para o espetáculo “Navio Negreiro”.

Processo criativo dos movimentos do espetáculo

Todo corpo traz em seu repertório movimentos de resgate de suas experiências pessoais. Este repertório vai se acumulando através de cada história de vida e muitas vezes está em nosso inconsciente. A metodologia proposta por Laban possibilita aos estudantes a imersão de todos esses movimentos guardados e significativos para expressão individual.

A Teoria do Movimento Expressivo de Rudolf Von Laban (1978) foi de grande auxílio para o processo do laboratório corporal. Laban desenvolveu um método de descrição e análise do movimento, aplicável indistintamente a todas as atividades humanas.

Um dos temas centrais de Laban é o entendimento da relação recíproca entre mente e corpo, pois existe um direcionamento para que o estudante aprenda a "pensar em termos de movimento". Fundamentado nessa proposta, desenvolvemos atividades corporais com o grupo de dança Fulores de Palco, canalizando os movimentos para o desenvolvimento de cada indivíduo na composição de expressões para o espetáculo.

A oportunidade de ampliar vocabulários corporais junto aos estudantes traz a indução para a liberdade crítica da construção coreográfica. Esses procedimentos foram de suma importância durante o processo pedagógico, por meio do qual os estudantes perceberam a importância do fazer, pensar e criar.

O movimento, portanto, revela evidentemente muitas coisas diferentes. É o resultado, ou a busca de um objeto dotado de valor, ou de uma condição mental. Suas formas e ritmos mostram a atitude da pessoa que se move numa determinada situação. Pode tanto caracterizar um estado de espírito e uma reação, como atributos mais constantes da personalidade. O movimento pode ser influenciado pelo meio ambiente do ser que se move [...] (LABAN, 1978, p. 20).

O trabalho corporal foi sendo composto dentro dessas duas perspectivas entre Rudolf Laban (1978) e Isabel Marques (2010), que propõe uma metodologia de dança focada no contexto social, oportunizando ao estudante as relações entre a arte, o ensino e a sociedade.

Produzimos, assim, vários momentos de aulas com o objetivo de que cada estudante compreendesse a importância de fazer arte e levar a proposta do Espetáculo Navio Negroiro como um alerta para a sociedade e para a comunidade escolar. Passamos por momentos difíceis durante o processo de construção e apresentação, pois ainda temos um forte preconceito mediante a temática Africana e Afro-Brasileira na escola e na sociedade.

Para a educadora Isabel Marques (2010), é importante que o ensino de dança tenha uma relação mais próxima e mais direta entre os saberes específicos do movimento das vivências pessoais de corpo-tempo-espço daqueles que participam dos processos de ensino e aprendizagem. Destacamos, ainda, a importância da valorização da identidade cultural dos estudantes, proposta por Paulo Freire (2011). Logo, o professor de Educação Física não pode perder-se na estreiteza da visão pragmática e conteudista de uma pedagogia bancária.

Elementos técnicos do espetáculo

A partir do momento que foi vista a necessidade de abordar a temática História e Cultura Afro-Brasileira para o espetáculo do Grupo Fulôres de Palco, começaram os estudos e as pesquisas para conceber os elementos técnicos que compõem o cenário, o figurino, a maquiagem, os adereços e a iluminação. Uma das perspectivas do grupo foi possibilitar aos estudantes uma vivência que se aproximasse ao máximo do trabalho artístico profissional, tanto na dança como no teatro.

Segundo a Abordagem Triangular sobre artes, proposta por Ana Mae Barbosa (2013), os aspectos fundamentais da experiência estética acham fundamentos no apreciar, contextualizar e praticar. O ato de apreciar está no primeiro contato com o objeto artístico, a contextualização coloca diante do espectador o contexto em que se vive e como aquele objeto foi chegando, finalmente, ao praticar, onde a arte acha seu sentido no próprio ato de fazer arte.

Esta concepção de Arte Educação nos norteou completamente, quando iniciamos a concepção do espetáculo partindo do poema Navio Negroiro, de Castro Alves. Sabíamos da importância da pesquisa para a concepção do espetáculo e começamos a colher textos e vídeos para que os estudantes estivessem a par do universo em que estávamos nos propondo adentrar.

Iniciou-se, então, uma série de oficinas, debates, seminários, com o intuito de despertar a consciência para a importância da História e Cultura Afro-Brasileira dentro de cada um de nós. Oficina de turbanização, oficina de pintura corporal, oficina de percussão, oficina de cabelos empoderados foram algumas das atividades realizadas durante o processo

de concepção do espetáculo. Algumas dessas foram realizadas em outras escolas, tendo os bailarinos do grupo Fulôres como oficinairos.

A partir daí, o cenário e o figurino entraram em fase de pesquisa iconográfica e desenho. O objetivo era criar uma imagem positiva da África. Passar através dos elementos técnicos toda a cor, beleza e alegria desse continente. Trabalhar a dança e a música presentes no dia-a-dia das aldeias, a relação íntima dos povos com a natureza à sua volta, com as plantas e os animais, além da força de seus guerreiros, para então recriar a penumbra e a atmosfera fétida dos porões dos navios negreiros.

Segundo a pesquisadora Rosane Muniz:

“[...] o figurino de teatro - quaisquer que sejam as opções estéticas e ideológicas, determinates em sua concepção – deve ser um dos laços entre o público, a representação e a realidade, mesmo que seja a mais abstrata e imaginária” (MUNIZ, 2004, p 20).

O figurino, ajudou os atores a comporem os seus personagens, retratam não apenas quem são, o que fazem, mas também onde vivem. Para um espetáculo de dança, além de toda essa riqueza de informações, a praticidade e mobilidade são fatores a serem levados em conta, o que nos conduziu a uma estilização de formas, apostando na cor e na riqueza dos adereços como elementos fundamentais para esta identificação dos personagens. Cores como laranja, marron, vermelho, amarelo, ocre, azul e verde tiveram destaque, búzios, contas, ráfias, corda e palha da costa usados à vontade nos adereços.

O cenário havia de ser o mais prático possível, tendo em vista a dinâmica das coreografias, mas sempre buscando as cores e a atmosfera da África e do Navio Negroiro. Portanto, deu-se preferência à utilização das varas de cenário, nas quais os elementos eram descidos em determinados momentos das coreografias. A iluminação surge como fator importantíssimo para se conseguir fechar essa magia em torno do dia-a-dia das aldeias africanas na floresta e, sobretudo, dentro do porão do navio negroiro, colocando o espectador no universo retratado por Castro Alves.

Para fomentar tantas ideias, sentimentos e fazeres, foi necessário dividir o grupo em duas grandes equipes: os bailarinos e a produção, na qual estes últimos também participaram de todas as fases expostas anteriormente. Os estudantes tiveram que pôr a “mão na massa” para a finalização dos adereços, confecção dos cenários, além das atividades de bastidores no dia do espetáculo: a maquiagem dos bailarinos, a recepção do público, a distribuição dos programas, etc.

É neste momento de finalização que evidenciamos a importância da Arte Educação na escola, bem como a importância das aulas de Arte e todo conhecimento advindo deste componente curricular, sempre renegado à realização de atividades de menor valor dentro do universo escolar. E foi no dia da apresentação final do espetáculo que ficou latente a força da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae, possibilitando que os estudantes – do grupo e da plateia – soubessem o que é verdadeiramente um bom trabalho artístico possam, de fato, ter essa vivência estética, valorizando o profissional das artes – no palco e nos bastidores. Os estudantes devem compreender que a escola, é em si, um lugar de produção de trabalhos dessa magnitude.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A construção do espetáculo para apresentações em teatros da cidade e eventos educacionais em Pernambuco foi de grande importância para a experiência de cada estudante e da comunidade escolar, pois levamos nossa identidade para ser apreciada. Esse projeto foi realizado através de ações entre a escola e a Secretaria de Educação, no qual levamos todos os estudantes da escola e de outras escolas para deleite do nosso trabalho.

O projeto foi realizado na escola, sendo levado a teatros de importância como o Santa Isabel e o Apolo, proporcionando assim, um ciclo de reflexões, uma troca de conhecimentos e informações voltadas para a vida das pessoas e contribuindo para a formação de um estudante protagonista, crítico, senhor da sua cidadania. Nessas apresentações fomos convidados a participar também de um grande evento na cidade do Recife, que foi o “Janeiro de Grandes Espetáculos”, onde mais uma vez pudemos apresentar nosso objeto de construção artística para outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Grupo Fulôres de Palco, na escola, promove a criação de movimentos corporais e o desenvolvimento do pensamento artístico junto aos estudantes. Elaboramos um novo saber-fazer sobre a arte, além de promover uma integração e fortalecimento da autoestima dos estudantes, facilitando os processos de compartilhamento e socialização do conhecimento.

Sendo assim, os estudantes aprendem a ser protagonistas de sua própria vida, empoderando-se de aspectos sociais, artísticos e pedagógicos que vão facilitar a resolução de dificuldades apresentadas no cotidiano. Os estudantes bailarinos aprendem com uma visão

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

crítica do mundo, favorecendo novos rumos, buscando fortalecer sua identidade, para que possam contribuir com um novo pensar e com novas formas de agir e de se movimentar, destacando na dança a ótica da sensibilidade, da criatividade e da expressividade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G. **Relações Raciais na Escola: Reprodução de Desigualdades em Nome da Igualdade**. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violência nas Escolas, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001459/145993por.pdf>

ALVES, Castro. **O Navio Negroiro e outros poemas**. Clássicos da Literatura Brasileira de Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Melhoramentos, 2013.

BARBOSA, Ana Mae. CUNHA, Fernanda Pereira (Org.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 9.º Edição; São Paulo: Cortez Editora, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa* - 43ª Ed. 2011- Paz e Terra

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África em sala de aula: visita a História contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LABAN, Rudolf. **O Domínio do Movimento**. 3ª ed. Tradução Anna Maria Barros de Becchi; Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao Teatro**. São Paulo: Ática, 1985.

MELO, Constantino José Bezerra de Melo. **Representações Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: o que pensam os estudantes das escolas estaduais de referência da cidade do Recife**. Dissertação de Mestrado de Ciências da Religião, Recife: UNICAP, 2015.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf.

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus: o figurino em cena**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004. VERDERI, E.B. *Dança na escola*. 2 ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 2000.